

# RASTROS DO RITMO EM TESTEMUNHOS DA TRADIÇÃO MANUSCRITA E IMPRESSA EM UMA COMPOSIÇÃO DE FULGÊNCIO

---

TRACES OF RHYTHM IN TESTIMONIES  
OF THE MANUSCRIPT AND PRINTED TRADITION  
IN A FULGENTIUS' COMPOSITION

José Amarante<sup>1</sup>

*Universidade Federal da Bahia*

Cristóvão José dos Santos Júnior<sup>2</sup>

*Universidade Federal da Bahia*

**Resumo:** Este trabalho apresenta testemunhos da tradição manuscrita e impressa e discute sobre o processo de estabelecimento de uma composição poética do prólogo prosimétrico das *Mitologias* de Fulgêncio, o Mitógrafo, autor latino tardo-antigo e norte-africano. Realiza-se, pois, um estudo de alguns códices e edições que integram, respectivamente, sua tradição manuscrita e impressa, discutindo-se ainda sobre a eventual necessidade de que os tradutores de textos antigos – para além de seguirem uma versão do editor – também se voltem ao estudo da história do texto. Ressaltando-se a relevância do critério métrico para a fixação textual de composições poéticas em textos de tradição politemunhal, o trabalho demonstra como certa prática reiterada de leitura do modelo contribuiu para o tardio reconhecimento desse escrito fulgenciano como o registro mais antigo de versificação acentual em textos de inspiração não cristã.

Palavras-chave: Crítica textual; Fulgêncio; Versificação; Tetrâmetros trocaicos.

---

<sup>1</sup> prof.amarante@hotmail.com

<sup>2</sup> cristovao\_jsjb@hotmail.com

---

**Abstract:** *This paper presents testimonies of the manuscript and printed tradition and discusses the process of establishing a poetic composition of the prosimetric prologue of Fulgentius' Mythologies, a Late Antiquity North African author, known as the Mitographer. In this article, we study some codices and editions that integrate, respectively, their handwritten and printed tradition, discussing the possible need for translators of ancient texts – besides following a version of the editor – also to turn to the study of the history of the text. Highlighting the relevance of the metric criterion for the textual fixation of poetic compositions in texts of polytestimonial tradition, the work demonstrates how a certain reiterated practice of text reading contributed to the late recognition of this Fulgentian writing as the oldest record of accentuated versification in texts without Christian inspirations.*

**Keywords:** Textual criticism. Versification. Fulgentius. Trochaic tetrameter.

## 1 SITUANDO O PROBLEMA

É ponto pacífico para quem traduz textos antigos – se não é o próprio tradutor o editor do texto –, a necessidade de que se defina a edição de referência a ser utilizada. Nesses casos, em geral, trata-se de uma edição crítica – considerando o caráter politestemunhal da tradição da maioria desses escritos – a partir da qual se desenvolva o trabalho com a chamada língua de partida. Uma segunda questão com que se defronta o tradutor de textos antigos diz respeito à forma como utilizará a edição escolhida, ponderando sobre a necessidade de consultar ou não os códices para o caso de alguma decisão específica sobre algum ponto complexo da tessitura da obra, de modo a que possa vir a tomar uma decisão contrária à do editor cujo texto está seguindo. Este trabalho, então, parte de nossa necessidade de, ao traduzir obras de Fulgêncio e tendo estudado o máximo possível a história do texto, retomar os códices, não somente aqueles considerados pelo editor, mas outros cujo acesso foi possível.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Os autores deste trabalho se dedicaram à tradução de duas obras fulgencianas: José Amarante traduziu as *Mythologiae* (“Mitologias”) e Cristóvão José dos Santos Júnior, a *De aetatibus mundi et hominis* (“Das idades do mundo e da humanidade”). Contudo, a tradução cujas questões deram origem a este trabalho é a das *Mythologiae*, recentemente lançada sob o título *O livro das Mitologias de Fulgêncio: os mitos clássicos e a filosofia moral cristã* (José Amarante, Edufba, 2019). Trata-se da primeira tradução portuguesa da obra, enriquecida com notas explicativas e anexos com discussão de pontos complexos do aparato crítico da edição de Rudolf Helm (1898) e diversos índices remissivos.

---

O artigo, então, procura mostrar como uma certa leitura extrínseca de uma variedade de manuscritos, ao longo de séculos, contribuiu para a compreensão equivocada de um texto poético, mesmo em sua edição crítica oitocentista, a primeira e ainda única edição crítica completa. Para isso, utilizam-se 15 manuscritos medievais, 12 edições impressas e 1 estudo destinado a um poema presente no prosimétrico prólogo do Livro I das *Mitologias* de Fulgêncio<sup>4</sup>.

Fulgêncio é um autor que deve ter vivido entre meados do séc. V e meados do séc. VI e, em suas *Mythologiae*, procura apresentar os mitos clássicos reinterpretados pelo verniz da filosofia moral cristã<sup>5</sup>. Trata-se de um autor que teve considerável importância para a mitografia clássica na Idade Média, haja vista a quantidade de manuscritos supérstites e sua influência – expressa ou indireta – em outras obras, como na dos *Mythographi Vaticani*, na *L'Ovide moralisé* e na *Genealogia deorum gentilium*, de Boccaccio<sup>6</sup>. Apesar de a primeira edição crítica de Fulgêncio (Helm, 1898) ser do séc. XIX, o que poderia indicar uma certa consideração de um editor ao seu trabalho, é também perceptível a existência de apreciações desfavoráveis a sua obra no mesmo período, a exemplo das críticas de Domenico Comparetti (1872), que, possivelmente, contribuíram para a construção de uma imagem negativa do Mitógrafo no século XX, como a máxima expressão da incoerência e do delírio: *egli calpesta ogni regola di buon senso in modo così aperto, grossolano e quasi brutale, che mal s'intende come un cervello sano abbia potuto concepire sul serio un così pazzo lavoro* (1872, v. I, p. 149)<sup>7</sup>.

---

<sup>4</sup> Nas seções em que discutimos a composição da tradição manuscrita e a tradição impressa da obra, destacamos o total de testemunhos em relação à amostra aqui apresentada.

<sup>5</sup> Pouco do que dele sabemos se registra no Prólogo dessa sua obra que estudamos aqui, muito embora possa ser discutível considerar como o vivido aquilo que se expressa literariamente (Mattiacci, 2002; Venuti, 2018).

<sup>6</sup> Para essas obras, vd.: Zorzetti; Berlioz (1995); Kulcsár (1987); De Boer (1954 e 1968-1988); Zaccaria e Branca (1964-1998). Vd. tb. Santos (2016).

<sup>7</sup> “Ele pisa em todas as regras do bom senso de maneira tão aberta, grosseira e quase brutal, que mal se entende como um cérebro saudável poderia ter concebido seriamente um trabalho tão louco” (tradução nossa). Por outro lado, Hays (1996, pref.), talvez na atualidade o maior estudioso do Mitógrafo, sugere que ele deveria atrair ao menos minimamente a atenção de qualquer um, já que teria influenciado grandes obras: *both Divine Comedy and Botticelli's Primavera would be very*

---

Vários fatores influenciaram para a configuração de um cenário crítico negativo à obra fulgenciana, mas este artigo se detém apenas em uma que pode ser explicada por uma certa atenção à superfície aparente do texto e à desatenção ao que está por trás das palavras a serem lidas ao longo de tantos séculos, atravessados por diferentes formas de escrita e padrões de distribuição gráfica do texto. Ou seja, discute-se aqui um caso relacionado à leitura realizada ao longo do tempo para certos pontos do prosimétrico prólogo do Livro I das *Mitologias* de Fulgêncio, um texto em prosa, com inserções de composições poéticas (ao modo de uma sátira menipeia)<sup>8</sup>, cujos versos foram paulatinamente não sendo lidos como tal e interpretados sistematicamente como prosa nos códices *recentiores*, ou foram lidos em uma configuração poética estranha àquela dos códices *antiquiores* nas primeiras edições impressas. Então, trata-se de um fenômeno que se inicia no processo da chamada tradição manuscrita e que se mantém ainda na fase da tradição impressa da obra, até que um estudioso do séc. XX resolva repensar um dos conhecidos problemas do texto e reinterpretá-lo. Assim, evita-se o que adverte Honor (2014, p. 39-40): “Uma palavra não compreendida ou erroneamente transcrita pode conduzir o pesquisador a interpretações errôneas ou criar lacunas dentro do texto historiográfico”.

Para a compreensão de como se deu o processo de perda da conformação em versos da composição fulgenciana, toma-se como ponto de partida o estudo de Mathieu Nicolau (1934), que, por primeiro, chamou a atenção para o fato de que o Mitógrafo não escrevia versos sem estrutura métrica conhecida, mas os escrevia em tetrâmetros trocaicos catalépticos. Não fosse essa constatação,

---

*different works if Fulgentius had not written, “tanto a Divina Comédia quanto a Primavera de Botticelli seriam obras muito diferentes se Fulgêncio não tivesse escrito” (tradução nossa).*

<sup>8</sup> Entre os elementos da sátira menipeia nas *Mitologias* de Fulgêncio, além da mistura de prosa e verso, observa-se ainda o uso do *spoudogeloion* (junção do sério e do cômico), com a presença da figura do próprio autor como personagem, apresentando certa variação em seu estilo de expressão, contando ainda com o registro de elementos fantásticos e certas excentricidades (vd. Venuti, 2015; Rego, 1989; Gama, 2017).

---

perderíamos, conforme veremos ao final deste trabalho, um dado importante para a história da versificação das línguas neolatinas, que, diferentemente do latim com sua métrica quantitativa, passam a uma versificação do tipo rítmico-acentual<sup>9</sup>. O interesse aqui é mostrar sistematicamente o percurso que deu origem à má leitura dos manuscritos – ou à leitura apenas do que se apresenta na tinta sobre o papel sem atenção ao que está por trás da informação explícita. Recuemos, então, ao séc. IX d.C. e nos foquemos em como os códices exibem graficamente a composição em verso que é objeto de estudo neste trabalho.

## 2 A TRADIÇÃO MANUSCRITA<sup>10</sup>

O prólogo do Livro I das *Mitologias* é quase todo em prosa, com apenas dois excertos poéticos. Foca-se aqui apenas no primeiro deles, escrito em tetrâmetros trocaicos catalépticos (o segundo é escrito em hexâmetros). Os Códices *Vaticanus Palatinus Lat. 1578* (Figura 1) e o *Vaticanus Reginensis Lat. 1462* (Figura 2), entre os *antiquiores*, dão o poema em tetrâmetros trocaicos catalépticos, conforme apresentamos a seguir, a partir da edição crítica mais recente de Venuti (2018)<sup>11</sup>:

---

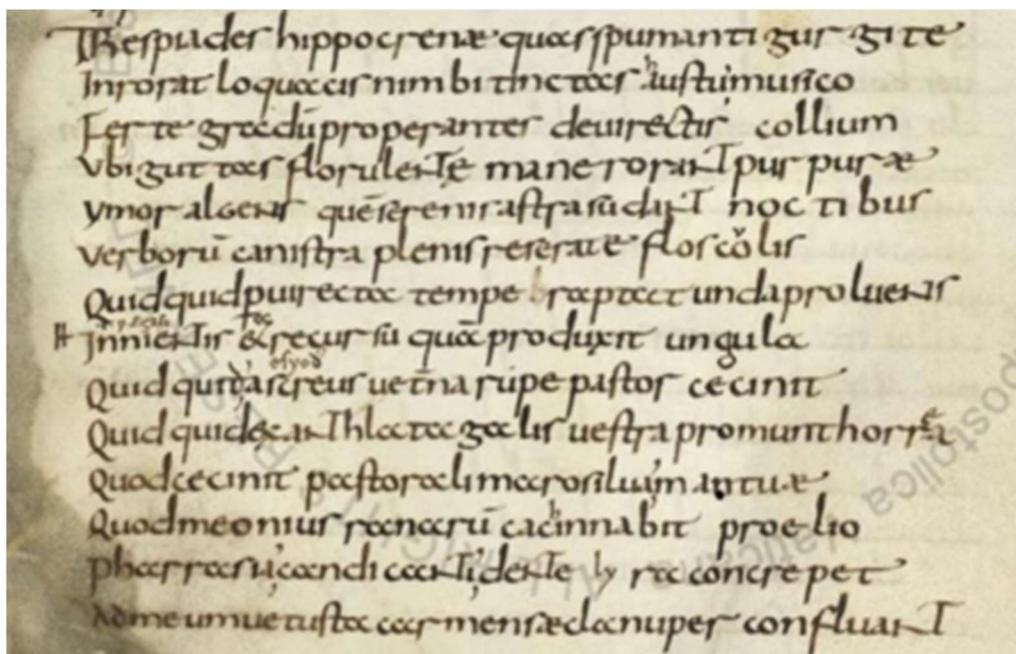
<sup>9</sup> Vd. Mattiacci (2000).

<sup>10</sup> A amostra deste estudo contém códices do séc. IX ao séc. XV, sendo aqui mais representados, conforme a lista atualizada dos testemunhos das *Mythologiae*, proposta por Venuti (2018, p. 74-75), os séculos IX (com todos os 4 códices em que o Prólogo do Livro I aparece), X (com 3 dos quatro códices com o Prólogo) e o XII (com 4 dos 6 códices com o Prólogo). A amostra não apresenta o único códice do séc. XI com o Prólogo, nem os do XIII, que registra 3 códices completos. O séc. XIV é representado com 1 dos 3 códices completos e o séc. XV, por fim, o menos representado, com 3 códices completos, de mais de uma dezena (Venuti apresenta 13, completos, e neste estudo apresentamos 2 outros).

<sup>11</sup> Observe-se que a apresentação dos versos, segundo a edição de Venuti, não é uma transcrição dos excertos dos códices que serão exibidos, já que se trata de uma edição crítica que considera a tradição politemunhal do texto. De qualquer forma, neste estudo, o foco não se encontra nas questões gerais de leitura do excerto, mas na conformação dos versos em tetrâmetros trocaicos, razão pela qual não apresentamos transcrições para cada um deles. Para elementos de interesse ao exame filológico mais amplo, remetemos o leitor ao citado trabalho de Venuti, particularmente p. 86-91.

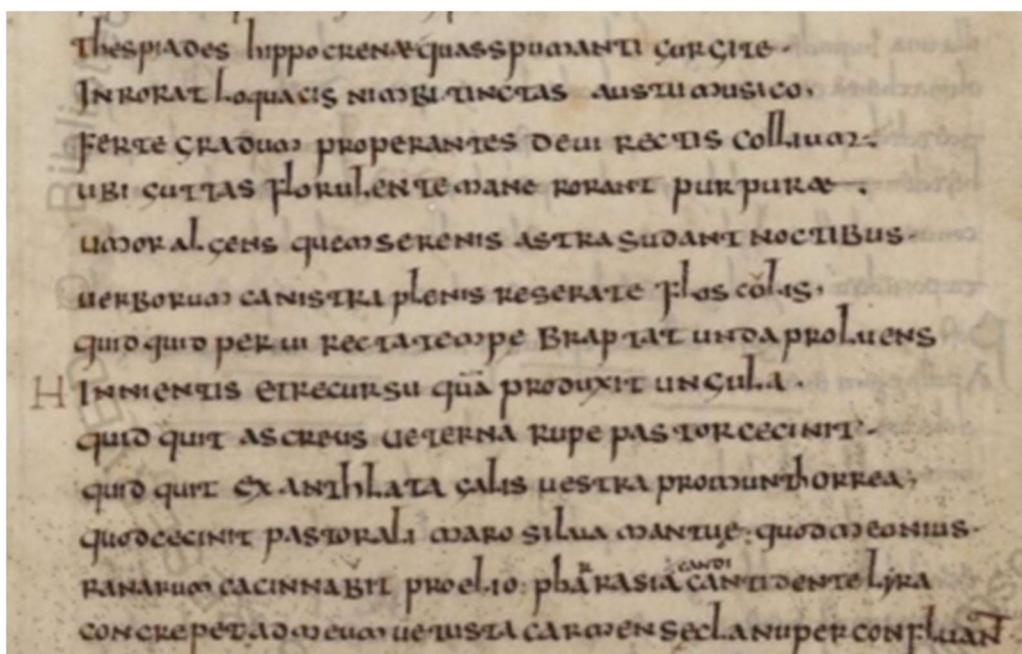
*Thespiades, Hippocrene quas spumanti gurgite  
 inrorat loquacis nimbi tinctas haustu Musico,<sup>[SEP]</sup>  
 ferte gradum properantes de virectis collium,<sup>[SEP]</sup>  
 ubi guttas florulentae mane rorat purpurae<sup>[SEP]</sup>  
 umor algens, quem serenis astra sudant noctibus. 5  
 Verborum canistra plenis reserate flosculis.  
 Quicquid per virecta Tempe raptat unda proluens  
 hinnientis aethrae cursu quam produxit ungula,  
 quicquid Ascreus veterna rupe pastor cecinit,  
 quicquid exantlata gazis vestra promunt horrea, 10  
 cecinit quod pastorali Maro silva Mantuae,  
 quod Maeonius ranarum cachinnavit proelio,  
 Parrhasia candicanti dente lyra concrepet;  
 ad meum vetusta carmen saecla nuper confluant.*

Figura 1: Excerto do códice Vaticanus Palatinus Lat. 1578 (séc. IX)



Fonte: [https://digi.vatlib.it/view/bav\\_pal\\_lat\\_1578](https://digi.vatlib.it/view/bav_pal_lat_1578)

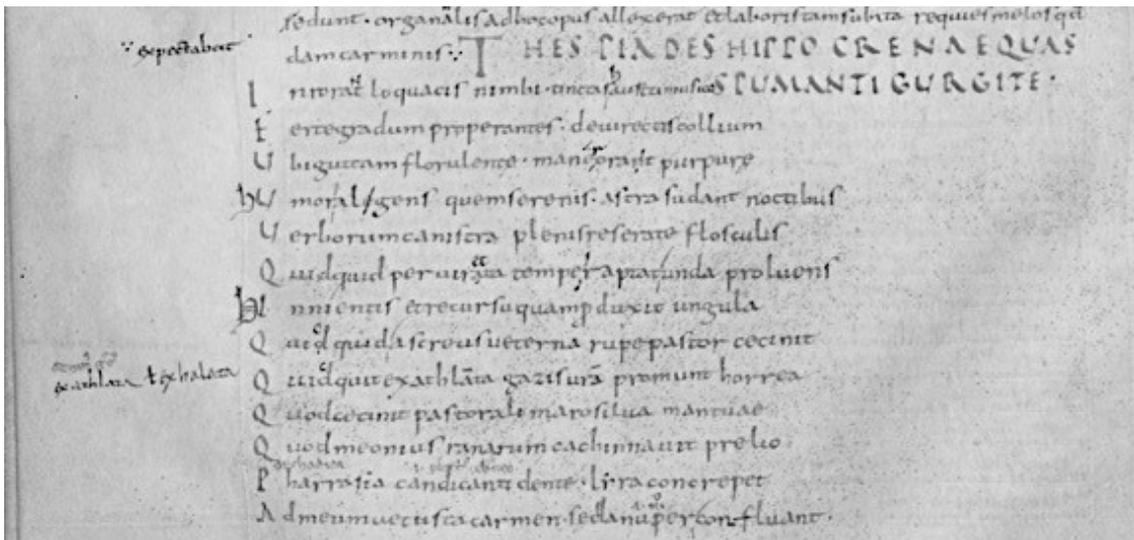
Figura 2: Excerto do códice *Vaticanus Reginensis Lat. 1462* (séc. IX)



Fonte: [http://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Reg.lat.1462](http://digi.vatlib.it/view/MSS_Reg.lat.1462)

Observe-se que os códices *antiquiores* apresentam a conformação em versos que será recuperada por Nicolau (1934). Ainda no séc. IX, dois outros códices documentam uma tradição que será retomada posteriormente. Começemos pelo códice *Montepessulanus H 334* (Figura 3). Este, aparentemente por descuido do escriba, apresenta o primeiro verso da composição seguido ao texto em prosa, como forma de aproveitamento do espaço para escrever esse verso que havia ficado de fora. Uma segunda mão insere um termo que finalizava o parágrafo antes do poema. Aparentemente, o verso 1 do poema é uma inserção posterior.

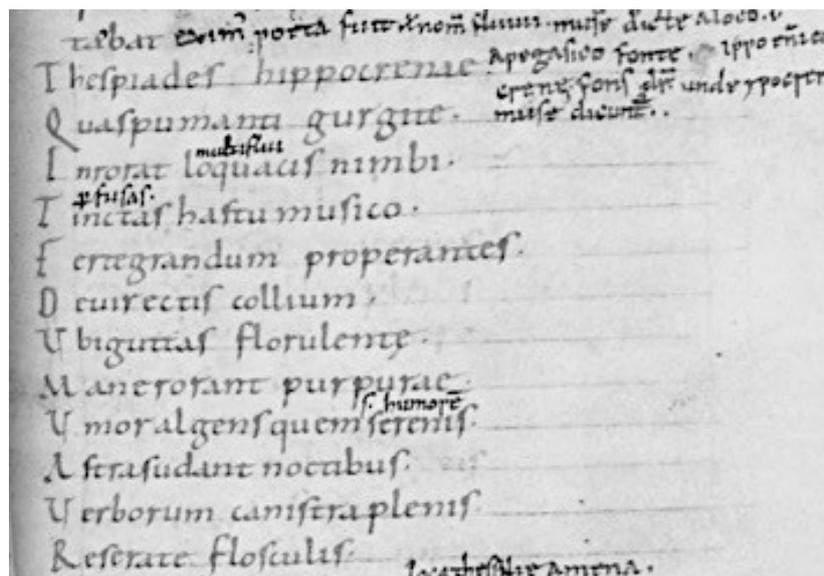
Figura 3: Excerto do códice *Montepessulanus H 334* (séc. IX)

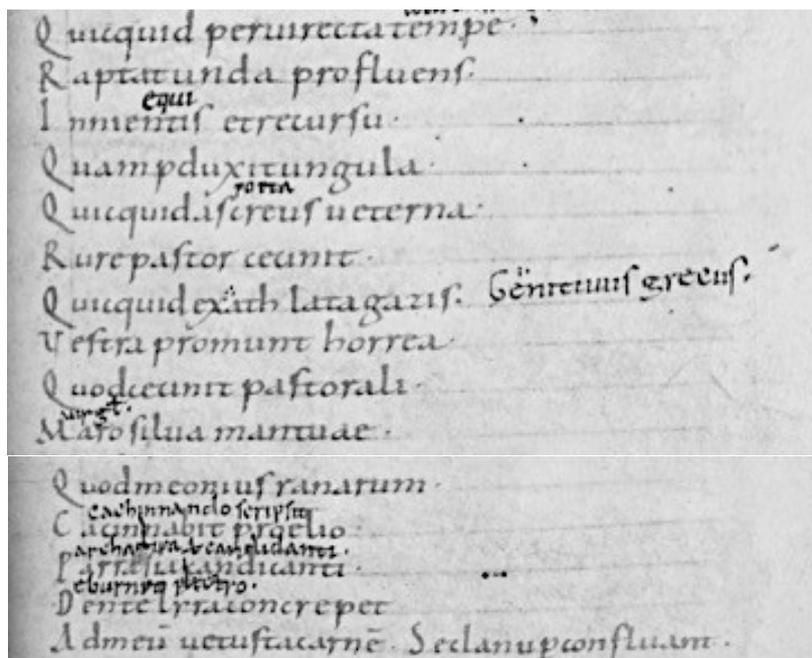


Fonte: [http://www.biu-montpellier.fr/florabium/jsp/bium/num/view\\_diaporama\\_report.jsp?recordId=document:BIU\\_DOCUMENTS:798&volumeIndex=1](http://www.biu-montpellier.fr/florabium/jsp/bium/num/view_diaporama_report.jsp?recordId=document:BIU_DOCUMENTS:798&volumeIndex=1)

O códice *Londiniensis Musei Britannici Harley 2685*, por sua vez, entre os que aqui consideramos, começa a apresentar uma conformação do poema com outra divisão dos versos, desmontando por completo os tetrâmetros trocaicos catalépticos:

Figura 4: Excerto do códice *Londiniensis Musei Britannici Harley 2685* (sec. IX)



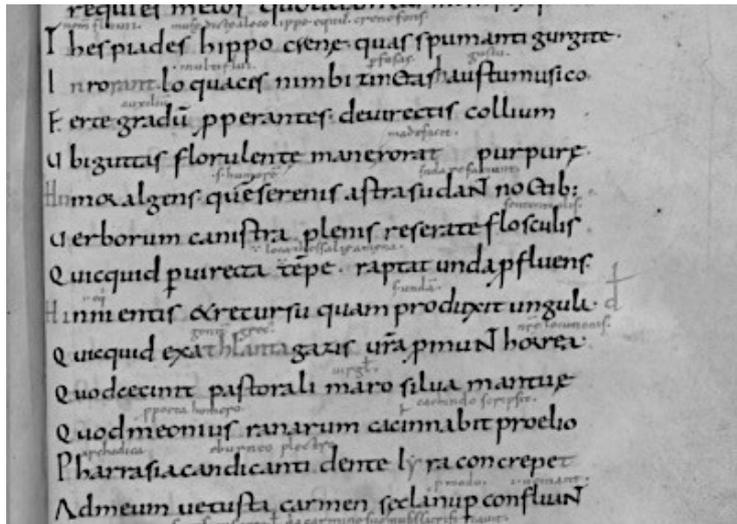


Fonte: [http://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=harley\\_ms\\_2685\\_fs001r](http://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=harley_ms_2685_fs001r)

Como se vê, a divisão dos versos segue ocorrendo regularmente ao longo do poema, com exceção do último, que se mantém íntegro. À exceção dessa não divisão do último verso, será essa disposição aquela que as edições impressas adotarão e que será também seguida por Helm, em sua edição crítica de 1898.

No século X, os códices, em função de diferentes famílias a que estão vinculados, apresentam comportamentos diferentes em relação à conformação do poema. O códice *Cassellanus 2º Ms. Theol. 49* (Figura 5) mantém a estrutura dos versos tetrâmetros trocaicos catalépticos.

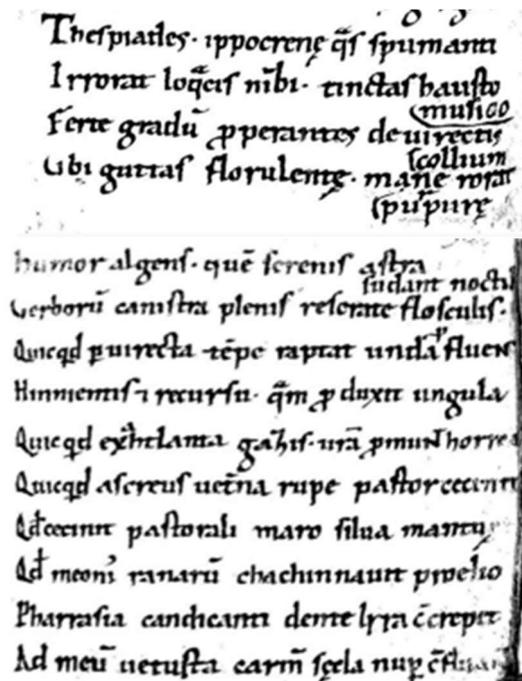
Figura 5: Excerto do códice *Cassellanus 2° Ms. Theol. 49* (séc. X)



Fonte: [https://orka.bibliothek.uni-kassel.de/viewer/image/1327392776322/1/LOG\\_0000/](https://orka.bibliothek.uni-kassel.de/viewer/image/1327392776322/1/LOG_0000/)

Já no códice *Clm1: Monascensis Lat. 19416* (Figura 6), o escriba parece fazer caber elementos de cada verso sem conformá-lo como prosa, conforme fazemos hoje em dia, com o adentramento de parte do verso para o final da linha seguinte.

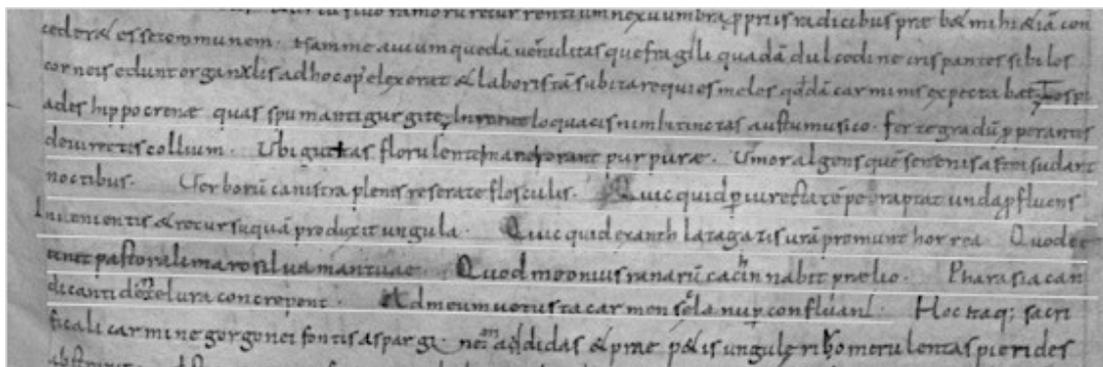
Figura 6: Excerto do códice *Clm1: Monascensis Lat. 19416* (séc. X)



Fonte: <https://daten.digitaler-sammlungen.de/0001/bsb00017795/images/index.html?id=00017795&groesser=&fip=193.174.98.30&no=&seite=196>

Ainda do séc. X, o códice *Treuerensis 100* (R. VI 3), Figura 7, entre os que utilizamos aqui, parece ser o que inicia uma tradição de escrita dos versos completamente no formato de prosa, conformação que será mantida em códices do séc. XII ao XV. Na figura que se segue, observe-se que o “poema” tem início ao final da terceira linha apresentada e segue até a penúltima.

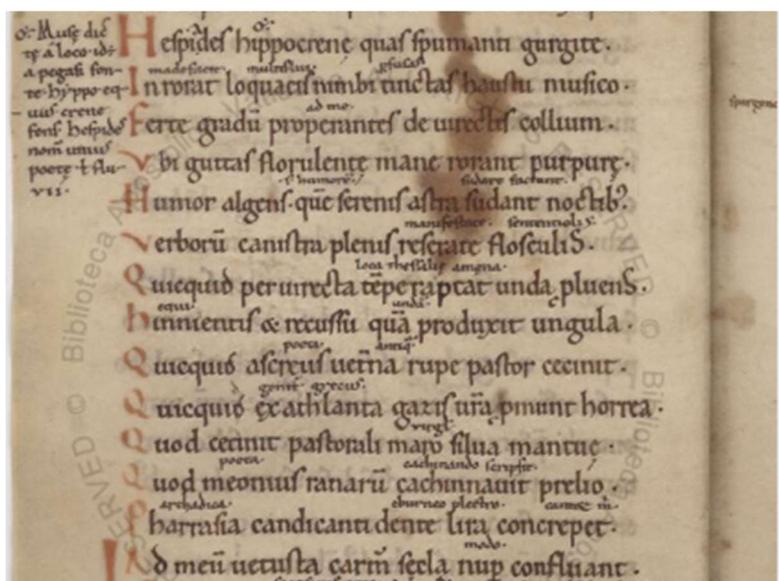
Figura 7: Códice *Treuerensis 100* (R. VI 3), séc. X



Fonte: <https://textgridlab.org/1.0/iiif/mirador/?json=768651>

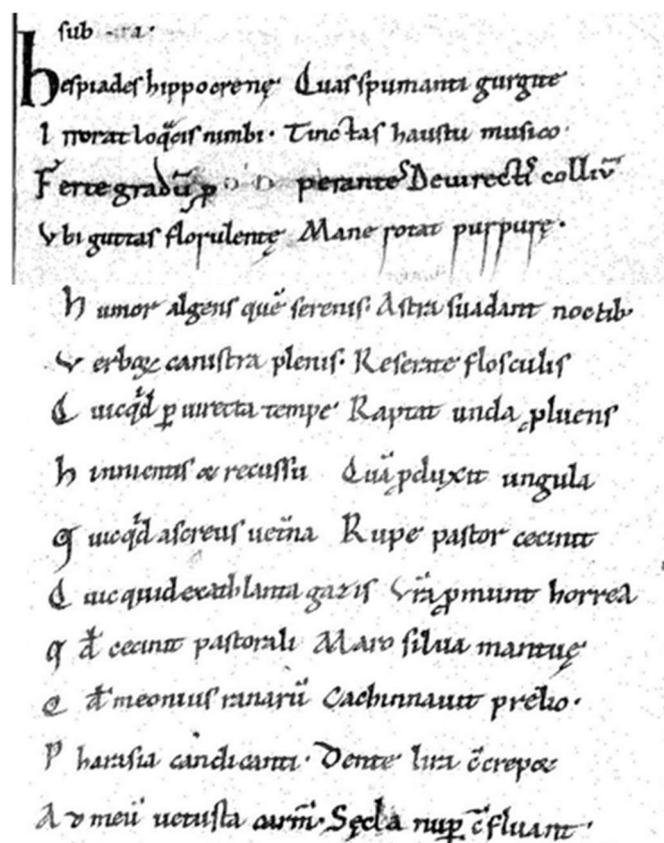
No século XII, dois códices mantêm as conformações do poema em tetrâmetros trocâicos catalépticos, afiliando-se a uma família de códices do séc. IX (vd. Figuras 8 e 9, respectivamente os códices *Reginenis Lat. 1567* e *CLM2: Monacensis Lat. 631*).

Figura 8: Excerto do código *Reginenis Lat. 1567* (séc. XII)



Fonte: [https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Reg.lat.1567](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Reg.lat.1567)

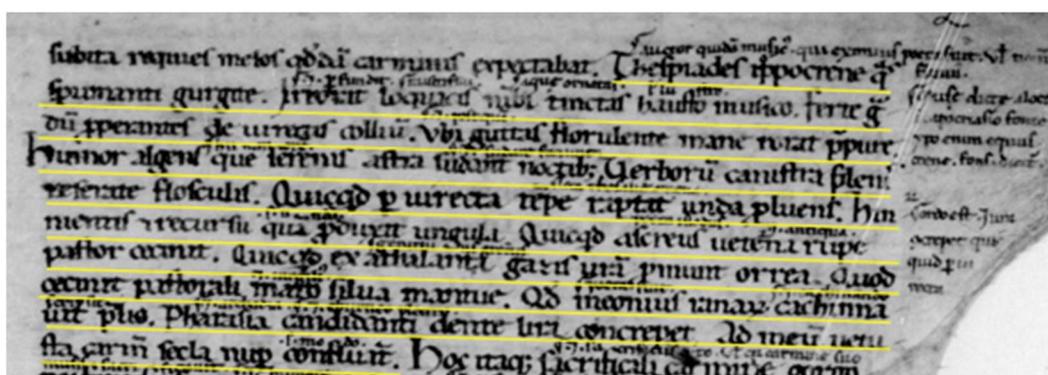
Figura 9: Excerto do código *CLM2: Monacensis Lat. 631* (séc. XII)



Fonte: <http://daten.digital-sammlungen.de/bsb00006779/images/index.html?id=00006779&groesser=150&fip=193.174.98.30&no=&seite=177>

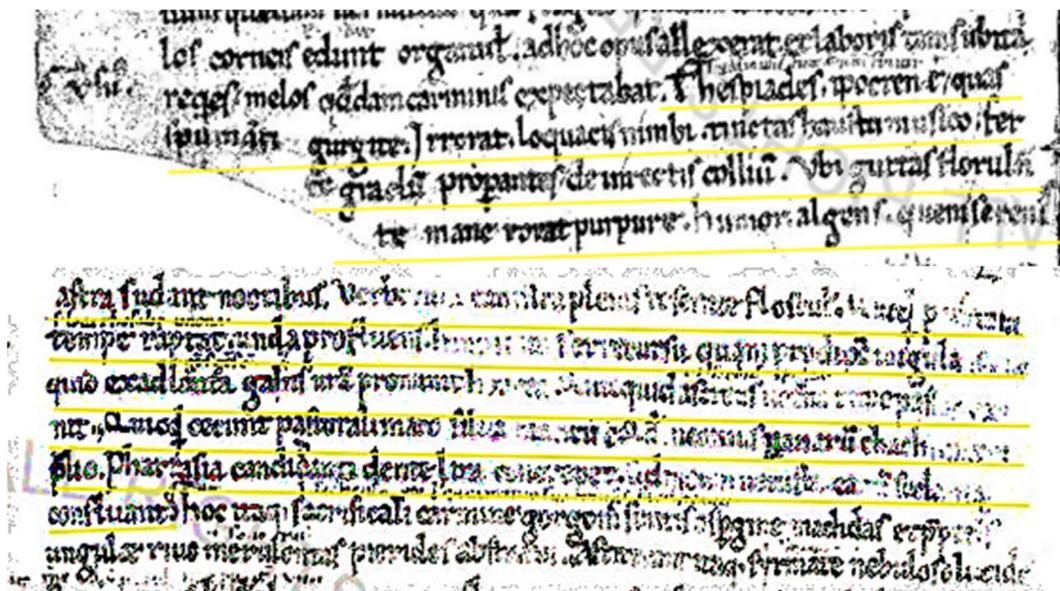
Dois outros do séc. XII, o *Parisinus Lat. 18275* (Figura 10, também considerado do séc. XIII) e o *Barberinus Lat. 47* (Figura 11), seguem a conformação em prosa, conforme o códice *Treuerensis 100 (R. VI 3)* do séc. X.

Figura 10: Excerto do códice *Parisinus Lat. 18275* (séc. XII ou XIII)



Fonte: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b90672121/f4.item.zoom>

Figura 11: Excerto do códice *Barberinus Lat. 47* (séc. XII)



Fonte: [https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Barb.lat.47](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Barb.lat.47)

Os códices *recentiores*, do séc. XIII ao XV, seguirão a conformação dos versos sob a forma de prosa: o *Vatican, BAV Borg. Lat. 329* (Figura 12), o *Vaticanus*

Vrbinas 670 (Figura 13), o *Mediceus Plut.* 90 sup. 22 (Figura 14) e o *Parisinus Lat.* 8500 (Figura 15).

Figura 12: Excerto do códice *Vatican, BAV Borg. Lat. 329* (séc. XV)

nexu. umbra qua propis radiab/ in d' grediet de roem. Nam me auum  
 queda unilitas que fragili quada dulcedin' c'pantes p' nris queis sibilos  
 edur' organulis/ Ad h' op' ablectat. z laboris ta' subim' requies. meloy  
 qda carnis expectabat. Hespiades hypocren' q's spumate gurgite/ Irrorat  
loca nubi austru musico/ forte gurgite properantes de uiretis collium/ Vbi quany  
florulentu manu rorat purpure/ humo algens que seceis ast' sudant nimbis/  
Verbor' canistra plenis reserates floscul' / Quicquid p' uireta teporada von  
da plues. Infonnis z recu' qua p' d' u' u' gl' / Quicquid ascreus ueterna rupe  
pastor cecinit. Quicquid exablant' gurg' u' p' m' horrea. Quod cecinit  
pastoral' maro silua mantue. Quod meonius rarat' cachinau' phlo. z  
pharusica candidanti dente lira concrepet. Ad meum uetusta carm' scda nup' ofluat.  
 Hec itaq' sacrali carmine gogonei fontis aspegne madidas p'p'edis uigule  
 riuo merulentis p'cedes astray. A struzar' unq' simare nebulo laude  
 tene uiragines/ edoras largu' aristue. Quaz' filiatis Caliope ludib'

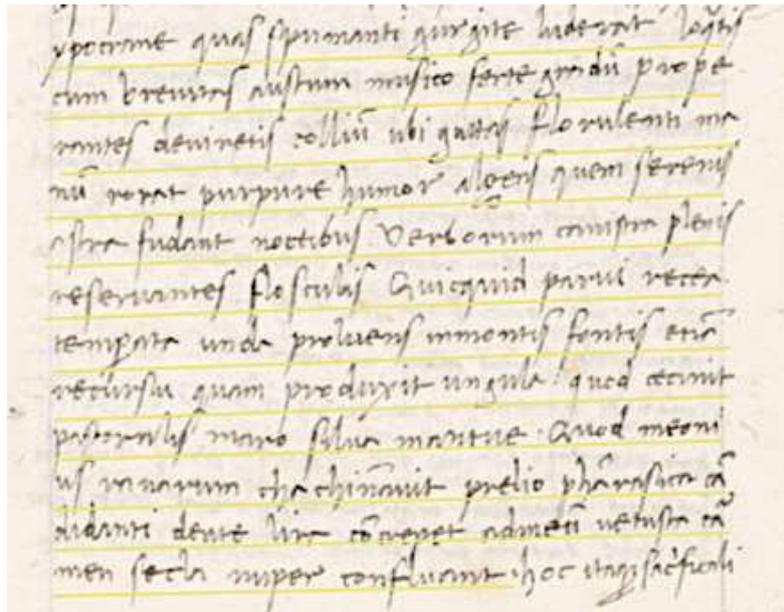
Fonte: [https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Borg.lat.329](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Borg.lat.329)

Figura 13: Excerto do códice *Vaticanus Vrbinas 670* (séc. XV)

minu expectabat meos.  
**T**Hespiades hypocrene. Qua spumanti gur  
 gite. Irrorat loquacis nimbis. Tincta austru  
 musico. Ferte gradum properantes. Deu  
 rectis collum. Vbi guttas florulente. Mane  
 rorat purpure. Humor algens quem fere  
 nil. Astra sudant noctibus. Verborum ca  
 nistra plenis. Reserate flosculis. Quicquid  
 p' uireta tempe. Rapiat unda proluent.  
 Hinnientis e recursu. Quam procluxit un  
 gula. Quicquid ascretus ueterna. Rupe  
 pastor cecinit. Quicquid exablant' gurgis.  
 V'etra pronunt horrea. Quod cecinit pasto  
 rali. Maro silua mantue. Quod meonius  
 us ratarum. Chachinauit prelio. Phar  
 rasia candidanti. Dente lira concrepet.  
 A d meum uetusta carmen. Scda nuper con  
 fluant.

Fonte: [https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Urb.lat.670](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Urb.lat.670)

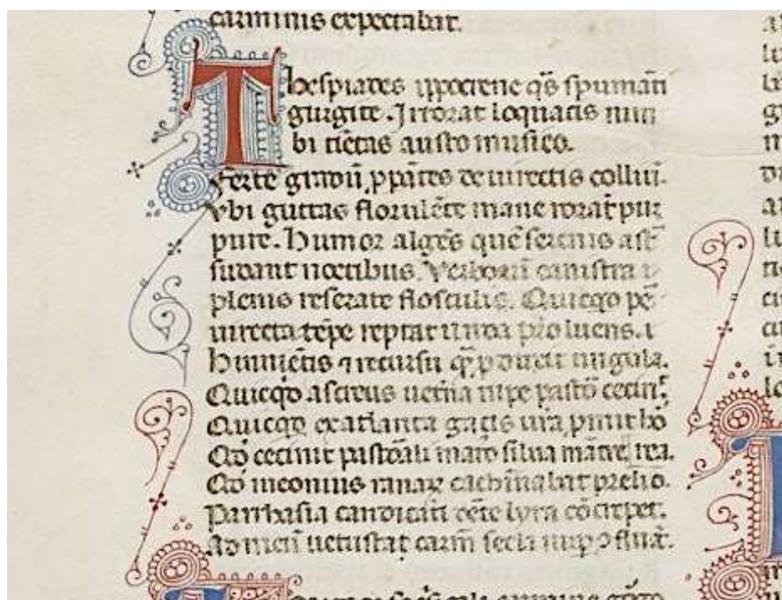
Figura 14: Excerto do código *Mediceus Plut. 90 sup. 22* (séc. XV)



Fonte:

<http://teca.bmlonline.it/ImageViewer/servlet/ImageViewer?idr=TECA0001438164&keyworks=fulgentius-page/15/mode/1up>

Figura 15: Excerto do código *Parisinus Lat. 8500* (séc. XV)

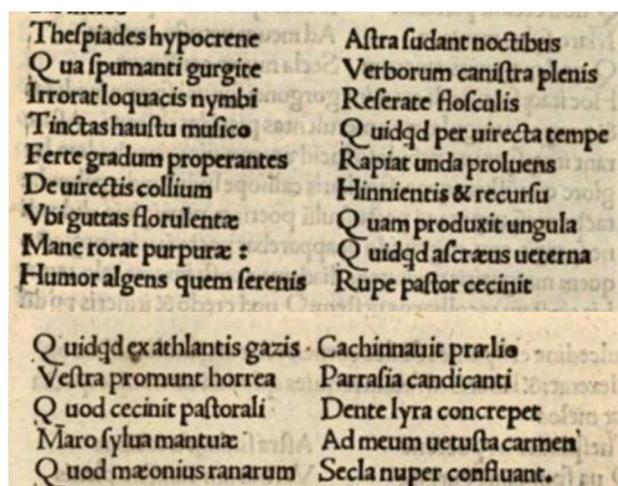


Fonte: [https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Barb.lat.47](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Barb.lat.47)

### 3 A TRADIÇÃO IMPRESSA<sup>12</sup>

Com o surgimento da imprensa e a instalação do que viria a se chamar tradição impressa, a necessidade de se estampar apressadamente obras de maior interesse fez com que nem sempre se recorresse aos códices ditos melhores, mas àqueles de maior circulação ou que se encontrassem mais facilmente à disposição, de forma que as *editiones principes* costumam ter principalmente um valor histórico, por terem sido as primeiras impressas. No caso da *editio princeps* de Fulgêncio, a de Pius (1498), e também das edições que se seguirão, elas não se basearão nos manuscritos que apresentam o poema sob a forma de prosa, mas seguirão o *Londinensis Musei Britannici Harley 2685*, do séc. IX, ou alguma cópia dele em provável circulação no período: a composição se encontra em versos, mas com cada verso separado em dois hemistíquios (vd. figuras 16 a 18)<sup>13</sup>.

Figura 16: Excerto da edição *Enarrationes allegoricae fabularum Fulgentii Placiadis Editio princeps* (Pius, 1498), com comentários junto ao texto



Fonte: Pius (1498)

<sup>12</sup> A amostra deste estudo apresenta todas as edições impressas do texto fulgenciano, desde a *editio princeps*, de Pius, de 1498, até a recente edição crítica do Prólogo do Livro I de Venuti (2018). As reimpressões não foram consideradas, exceto a reedição de Pius, de 1505, sem comentários junto ao texto. Para acesso às edições impressas, consulte-se o sítio do Google Books ([books.google.com.br](http://books.google.com.br))

<sup>13</sup> A quantidade de edições impressas logo após o surgimento da imprensa documenta o sucesso das *Mitologias* de Fulgêncio.

Figura 17: Excerto da edição *Fulgentius, Enarrationes allegoricae fabularum Fulgentij Placiadis: uocabula...* Reedição (Pius, 1505), sem comentários junto ao texto

Thespiades hypocrene	Ferte gaudiū pperantes
Qua spumanti gurgite	De uirectis collium
Irrorat loquacis nymbi	Vbi guttas florulentæ
Tinctas haustu musico	Mane rorat purpuræ
Humor algens quē serenis	Quidqd ex athlātis gazis
Astra sudant noctibus	Vestra promunt horrea
Verborum canistra plenis	Quod cecinit pastorali
Referate flosculis:	Maro sylua mantuæ
Quidqd per uirecta tempe	Quod maxonius ranarum
Rapiat unda proluens	Cachinnauit prælio
Hinnientis & recurſu	Parrasia candicanti
Quam produxit ungula	Dente lyra concrepet
Quidquid ascræus ueterna	Ad meū uetusta carmen
Rupe pastor cecinit	Secula nuper confluant

Fonte: Pius (1505)

Figura 18: Excerto da edição *Fulgentius Placiades In Mythologiis* (Locher, 1521)

**T**hespiades:hippocrene  
 Quaspumanti gurgite **Quas**  
 Irrorat loquacis nymbi  
 Tinctas haustu musico:  
 Ferte gradum properantes/  
 De uirectis collium.  
 Vbi guttas florulentæ  
 Mane rorat purpuræ:  
 Humor algens quem serenis  
 Astra sudant noctibus.  
 Verborum canistra plenis  
 Referate flosculis:  
**¶** Quicquid per uirecta tempe  
 Rapiat unda proluens  
 Hinnientis & recurſu  
 Quam produxit ungu la.  
**¶** Quicquid Ascræus ueterna  
 Rupe pastor cecinit.  
**¶** Quicquid ex Athlantis gazis  
 Vestra promunt horrea:  
**¶** Quod cecinit pastorali  
 Maro sylua Mantuæ.  
**¶** Quod Maxonius Ranarum  
 Cachinnauit prælio.  
**¶** Parrasia candicanti  
 Dente lyra concrepet:  
 Ad meum uetusta carmen  
 Secula nuper confluant.

Fonte: Locher (1521)

---

A mesma conformação dos versos será adotada por Moltzer (1535), em sua edição intitulada *C. Iulii Hygini, Augusti liberti, Fabularum liber [...] liber I. F. Fulgentii Placiadis ... Mythologiarum libri III*; por Petrus (1536), em *Fulgentii christiani philosophi Mythologiarum libri 3*; por Commelinus (1599), em *Mythologici Latini. In quibus C. Iulij Hygini Augusti Lib. fabularum Liber I; Fabii Placiadis Fulgentii V.C. Mythologiarum Libri III [...]*; por Muncker (1681), na edição *Mythographi Latini: C. Jul. Hyginus, Fab. Planciades Fulgentius, Lactantius [...]*; por Staveren (1742), em *Auctores mythographi latini: Cajus Julius Hyginus, Fab. Planciad. Fulgentius [...]*. Em 1898, Helm lança a primeira e até então única edição crítica completa da obra fulgenciana<sup>14</sup>. O editor (vd. Figura 24) ainda manterá aquela conformação dos versos, divididos em dois hemistíquios cada um, que se documenta no códice *Londiniensis Musei Britannici Harley 2685* e nas edições impressas até então lançadas.

---

<sup>14</sup> Do Prólogo do Livro I das *Mitologias*, Martina Venuti (a quem agradeço pelo envio de seu recente trabalho com a obra fulgenciana) fez uma nova edição crítica em sua tese de doutorado de 2009, lançada sob o formato de livro em 2018. É aguardada uma nova edição crítica da obra fulgenciana sob os cuidados de Gregory Hays, que mantém um sítio com uma bibliografia anotada e atualizada dedicada ao autor (Disponível em: <<http://www.people.virginia.edu/~bgh2n/fulgbib.html>>. Acesso em 02/11/2019).

Figura 19: Excerto da edição crítica *Fabii Planciadis Fulgentii Opera* (Helm, 1898)

Thespiades, Hippocrene  
quas spumanti gurgite  
inrorat loquacis nimbi  
tinctas haustu Musico,  
ferte gradum properantes  
de uirectis collium,  
ubi guttas florulentae  
mane rorat purpurae  
umor algens, quem serenis  
astra sudant noctibus.  
Uerborum canistra plenis |  
reserate flosculis. ||  
Quicquid per uirecta Tempe  
raptat unda proluens  
innientis etre cursu  
quam produxit ungula,  
quicquid Ascreus ueterna  
rupe pastor cecinit,  
quicquid exantlata gazis  
uestra promunt horrea,  
quod cecinit pastorali  
Maro silua Mantuae,  
quod Meonius ranarum |  
rutices edidi, quo eorum cae  
bit R<sub>1</sub> HT chachinnavit G  
T concrepent T 6 hoc igi  
cale carmen He adspargine R

Fonte: Helm (1898)

#### 4 UM TESTEMUNHO QUASE PERDIDO

Somente em 1934, reconhecendo que *Par malheur les éditeurs de cette oeuvre, y compris le dernier (R. Helm), ont mal divisé les vers, ce qui les a rendus méconnaissables*<sup>15</sup>, em seu artigo intitulado *Les Deux Sources de la Versification Latine Accentuelle*, Nicolau restitui a conformação dos versos ao modo como se

<sup>15</sup> “Infelizmente, os editores deste trabalho, incluindo o último (R. Helm), dividiram mal os versos, o que os tornou irreconhecíveis”. O título do artigo de Nicolau, citado a seguir, pode se traduzir por “As duas fontes da versificação latina acentual” (tradução nossa).

documenta na maior parte dos códices *antiquiores*: em tetrâmetros trocaicos catalépticos (vd. Figuras 20 e 21):

Figura 20: Poema fulgenciano extraído do artigo  
*Les deux sources de la versification latine accentuelle* (Nicolau, 1934)

.....  
Vmor algens quem serenís | astra sudant noctibus,  
6 Verborum canistra plenis | reserate flosculis.  
Quicquid per uirecta Tempe | raptat unda proluens  
Innientis etre cursu | quam produxit ungula,  
9 Quicquid Ascreus ueterna | rupe pastor cecinit,  
Quicquid exantlata gaxis | uestra promunt horrea,  
Quod cecinit pastorali | Maro silua Mantuae,  
12 Quod Meonius ranarum | cachinauit proelio,  
  
Pharasia candicanti | dente lyra concrepet ;  
14 Ad meum uetusta carmen | saecla nuper confluant.

Ce sont encore des tétramètres trochaïques catalectiques. La quantité n'y est point observée. Le rythme est fondé sur l'accent. On peut relever quelques fautes, toutes — sauf une — au 1<sup>er</sup> pied :  
*Inrōrat.* (v. 2). *Verborum.* (v. 6). *Pharasia.* (v. 13) *Ad meum.* (v. 14).  
Fonte : Nicolau (1934)

O lapso de longa tradição na interpretação dos versos, para além de contribuir para a compreensão equivocada de Fulgêncio como um versejador desatento às regras básicas de composição, nos negaria um dado importante para o conhecimento da versificação nas línguas neolatinas, em que o ritmo é baseado no acento e não na quantidade, conforme se dá com o latim. Fulgêncio seria o mais antigo exemplo de versificação acentual de que se tem notícia, em obra de inspiração pagã, e tal informação repousaria escondida numa leitura de superfície que se desenvolveu ao longo do tempo<sup>16</sup>. Apenas para que se entenda o que isso quer dizer, vejamos dois exemplos, um de um texto latino com o ritmo

<sup>16</sup> Vd. Mattiacci (2000, p. 266): *Ritengo, infatti, che non si possa parlare per i versi di Fulgenzio di tetrametri quantitativi mal fatti e di barbarie prosodica, bensì di un tentativo ritmico nuovo*, “Acredito, de fato, que não podemos falar dos versos de Fulgêncio como tetrâmetros quantitativos mal feitos e de barbárie prosódica, mas de uma tentativa rítmica nova” (tradução nossa). Vd. tb. Nicolau (1934, p. 87): *Le poème de Fulgence [...] est le plus ancien exemple de versification accentuelle que nous connaissons*, “O poema de Fulgêncio [...] é o primeiro exemplo de versificação acentuada que conhecemos” (tradução nossa).

baseado na quantidade e não no acento, e o inverso no poema fulgenciano, em que o ritmo é baseado no acento:

Figura 21: *Esquema do tetrâmetro trocaico cataléptico*



Fonte: elaboração dos autores<sup>17</sup>

Crā↔s āmē↔t quī nū↔mquam āmā↔uīt || quīque āmā↔uīt crā↔s  
āmē↔t!

Que ame amanhã quem nunca amou e quem já amou que ame amanhã.  
(Refrão *Peruigilium Veneris*)<sup>18</sup>

quī↔cquīd ē↔xāntlā↔tā gā↔zīs || uē↔strā prō↔mūnt hō↔rrēā  
(Tudo aquilo que os vossos celeiros expõem esvaziados em seus tesouros)  
(FVLG. myth. pról. 1)<sup>19</sup>

Observe-se que se trata de quatro metros (tetrâmetros), cada um composto por uma dipodia e cada dipodia por dois pés métricos em troqueus (trocaico)

<sup>17</sup> No esquema, considerem-se os sinais, como de praxe, da seguinte forma: – como indicativo de sílabas longas; ×, elemento *anceps* (i.e. elemento livre, podendo ser uma sílaba breve ou longa; em alguns casos, pode ocorrer a realização por duas breves); □, elemento *indifferens* (i.e. dada a sua posição como último elemento do verso, ou antes da cesura, não faz diferença ser realizado por uma sílaba breve ou uma longa); ||, cesura. Vd. Ceccarelli (1999).

<sup>18</sup> A tradução apresentada é a proposta recentemente por Marques Júnior (2020), a quem agradeço pela generosidade do envio de sua edição.

<sup>19</sup> Note-se, contudo, certas exceções, como no verso 6 do excerto poético (*vērbō | rūm cā | nīstrā | plēnīs || rēsē | rātē | flōscū | līs*), em que o *ictus* não recai na sílaba tônica em *verborum*. Da mesma forma, embora apresentemos a questão aqui apenas como exemplo da mudança na forma de tratamento em que se concebe o *ictus* métrico ao modo de marcação de natureza intensiva, há que se destacar o fato de que, ao longo da composição, Fulgêncio faça uso de versos isossilábicos de 15 sílabas, já que não faz as substituições comuns na versificação quantitativa, apenas não permitidas na última dipodia: do troqueu (– ∪) pelo tríbraco (∪ ∪ ∪) ou pelo espondeu (– –), e também pelos equivalentes do espondeu, i.e., o dátilo (– ∪ ∪) e o anapesto (∪ ∪ –). A variedade rítmica dos versos seguintes de Sêneca, conforme nos sugeriu um leitor e avaliador prévio deste texto, ilustram bem essas substituições em versos quantitativos:

gēmīnā | Pārnā | sī nī | vālīs || ārx trū | cēm frēmī | tūm dē | dīt;  
īmī | nēns Phoē | béā | lāurūs || trēmūīt | ét mō | uīt dō | mūm,  
āc rē | pēntē | sānctā | fōntīs || lýmphā | Cāstālī | ī stē | tīt.  
(Édipo, 227-9 – ed. Harvard, 2004)

com o último troqueu monossilábico (de forma que o metro resulta cataléptico, i. e., incompleto). No verso da *Pervigilium Veneris*, observe-se o *ictus* em /e/ *amét* e não em /a/, *ámet*. Isso ocorre porque o ritmo se baseia na quantidade e recebem o *ictus* as sedes longas ímpares, independentemente de seu acento fora desse contexto poético. Por outro lado, no verso fulgenciano, o *ictus* ocorre na sílaba tônica da palavra (*quícquid, éxantláta, gázis, uéstra, prómunt, hórreá*).

Nos últimos anos, as *Mitologias* de Fulgêncio conheceram traduções que, em geral, se basearam na proposta de Nicolau (1934), seguida por Mattiacci (2000). É o caso da edição e tradução de Venuti (2018), relativa ao Prólogo do Livro I (vd. Figura 22)<sup>20</sup>, e a tradução, com intervenções no texto, de Amarante, de 2019 (vd. Figura 23).

Figura 22: Versos fulgencianos em *Il prologus delle Mythologiae di Fulgenzio*

5-6	Thespiades, Hippocrene quas spumanti gurgite	
7-8	inrorat loquacis nimbi tinctas haustu Musico,	
9-10	ferre gradum properantes de virectis collium,	
11-12	ubi guttas florulentae mane rorat purpurae	
13-14	umor algens, quem serenis astra sudant noctibus.	5
15-16	Verborum canistra plenis reserate flosculis.	
17-18	Quicquid per virecta Tempe raptat unda proluens	
19-20	hinnientis aethrae cursu quam produxit ungula,	
21-22	quicquid Ascræus veterna rupe pastor cecinit,	
23-24	quicquid exantlata gazis vestra promunt horrea,	10
25-26	cecinit quod pastorali Maro silva Mantuae,	
27-8.1	quod Maeonius ranarum cachinnavit proelio,	
2-3	Parrhasia candicanti dente lyra concrepet;	
4-5	ad meum vetusta carmen saecula nuper confluant.	

Fonte: Venuti (2018, p. 116)

<sup>20</sup> Observe-se, na Figura 22, que Venuti (2018) reorganiza os versos conforme proposta de Nicolau (1934), mas, respeitando a história do texto, mantém à direita a numeração da edição de Helm, com os versos partidos em seus hemístiquios.

Figura 23: Versos fulgencianos nO *livro de Mitologias de Fulgêncio*

Thespiades, Hippocrene quas spumanti gurgite  
inrorat loquacis nimbi tinctas haustu musico,  
ferre gradum properantes de uirectis collium,  
ubi guttas florulentae mane rorat purpurae  
umor algens, quem serenis astra sudant noctibus.  
Verborum canistra plenis reserate flosculis.  
Quicquid per uirecta Tempe raptat unda proluens  
hinnientis aethrae cursu quam produxit ungula,  
quicquid Ascreus ueterna rupe pastor cecinit,  
quicquid texantlata† gazis uestra promunt horrea,  
quod cecinit pastorali Maro silua Mantuae,  
quod Maeonius ranarum | cachinnauit proelio,  
Parrhasia candicanti dente lyra concrepet;  
ad meum uetusta carmen saecla nuper confluant.

Fonte: Amarante (2019, p. 123)

Embora proponha intervenções em outros pontos do texto fulgenciano, a tradução francesa de Wolff e Dain (2013), por outro lado, estampa os versos à moda da confusão presente nos códices e seguida por Helm (vd. Figura 24):

Figura 24: Versos fulgencianos em *Mythologies*

Thespiades, Hippocrene  
quas spumanti gurgite  
inrorat loquacis nimbi  
tinctas haustu Musico,  
ferre gradum properantes  
de uirectis collium,  
ubi guttas florulentae  
mane rorat purpurae  
umor algens, quem serenis  
astra sudant noctibus.  
Verborum canistra plenis  
reserate flosculis.  
Quicquid per uirecta Tempe  
raptat unda proluens

---

innientis etre cursu  
quam produxit ungula,  
quicquid Ascreus ueterna  
rupe pastor cecinit,  
quicquid exantlata gazis  
uestra promunt horrea,  
quod cecinit pastorali  
Maro silua Mantuae,  
quod Meonius ranarum  
(8) cachinnauit proelio,  
Pharrasia candicanti  
dente lyra concrepet ;  
ad meum uetusta carmen  
saecla nuper confluant.

Fonte: Wolff e Dain (2013, p. 48)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Obviamente, em Crítica textual, se pode seguir a orientação para a especificidade de cada diferente tradição, materializada em cada um dos códices e em cada edição impressa, elementos que fazem parte da história do texto e que justificam seus estudos, em sua singularidade, como documentos únicos e irrepetíveis de nossa memória cultural, o que pode fazer, se se almeja tal perspectiva, preterir-se a busca pela reconstrução do chamado “original perdido”, que marca a crítica textual dita tradicional. Contudo, em determinada perspectiva, e talvez a histórica seja a que se destaca aqui, é possível que certa reconstituição nos devolva não necessariamente o que seria a visão do autor, a sua versão, mas certas configurações importantes para a compreensão dos próprios textos, em seus elementos estruturantes que por vezes se perdem: no caso apresentado aqui, a mudança na forma como compreendemos a estrutura rítmica que marca a nossa produção poética ao longo dos séculos.

## REFERÊNCIAS

### *Códices*

VATICANUS PALATINUS LAT. 1578 (séc. IX). Disponível em: <[https://digi.vatlib.it/view/bav\\_pal\\_lat\\_1578](https://digi.vatlib.it/view/bav_pal_lat_1578)>. Acesso em 13 maio 2020.

VATICANUS REGINENSIS LAT., 1462 (séc. IX). Disponível em: <[http://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Reg.lat.1462](http://digi.vatlib.it/view/MSS_Reg.lat.1462)>. Acesso em: 13 maio 2020.

MONTEPESSULANUS H 334 (séc. IX). Disponível em: <[http://www.biu-montpellier.fr/florabium/jsp/bium/num/view\\_diaporama\\_report.jsp?recordId=documents:BIU\\_DOCUMENTS:798&volumeIndex=1](http://www.biu-montpellier.fr/florabium/jsp/bium/num/view_diaporama_report.jsp?recordId=documents:BIU_DOCUMENTS:798&volumeIndex=1)>. Acesso em: 13 maio 2020.

LONDINIENSIS MUSEI BRITANNICI HARLEY 2685 (sec. IX).. Disponível em: <[http://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=harley\\_ms\\_2685\\_fs001r](http://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=harley_ms_2685_fs001r)>. Acesso em: 13 maio 2020.

CASELLANUS 2° MS. THEOL. 49 (séc. X). Disponível em: <[https://orka.bibliothek.uni-kassel.de/viewer/image/1327392776322/1/LOG\\_0000/](https://orka.bibliothek.uni-kassel.de/viewer/image/1327392776322/1/LOG_0000/)>. Acesso em: 13 maio 2020.

CLM1: MONASCENCIS LAT. 19416 (séc. X). Disponível em: <<https://daten.digital-sammlungen.de/0001/bsb00017795/images/index.html?id=00017795&groesser=&fip=193.174.98.30&no=&seite=196>>. Acesso em: 13 maio 2020].

TREVERENSIS 100 (R. VI 3) (séc. X. Disponível em: <<https://textgridlab.org/1.0/iiif/mirador/?json=768651>>. Acesso em: 13 maio 2020.

REGINENSIS LAT. 1567 (séc. XII). Disponível em: <[https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Reg.lat.1567](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Reg.lat.1567)>. Acesso em: 13 maio 2020.

CLM2: MONACENSIS LAT. 631 (séc. XII). Disponível em: <<http://daten.digital-sammlungen.de/bsb00006779/images/index.html?id=00006779&groesser=150&fip=193.174.98.30&no=&seite=177>>. Acesso em: 13 maio 2020.

PARISINUS LAT. 18275 (séc. XII ou XIII). Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b90672121/f4.item.zoom>>. Acesso em: 13 maio 2020.

BARBERINUS LAT. 47 (séc. XII). Disponível em: <[https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Barb.lat.47](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Barb.lat.47)>. Acesso em: 13 maio 2020.

VATICAN, BAV BORG. LAT. 329 (séc. XV). Disponível em: <[https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Borg.lat.329](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Borg.lat.329)>. Acesso em: 13 maio 2020.

VATICANUS URBINAS 670 (séc. XV). Disponível em: <[https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Urb.lat.670](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Urb.lat.670)>. Acesso em: 13 maio 2020.

MEDICEUS PLUT. 90 SUP. 22 (séc. XV). Disponível em: <<http://teca.bmlonline.it/ImageViewer/servlet/ImageViewer?idr=TECA0001438164&keywords=fulgentius#page/15/mode/1up>>. Acesso em: 13 maio 2020.

PARISINUS LAT. 8500 (séc. XV). Disponível em: <[https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Barb.lat.47](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Barb.lat.47)>. Acesso em: 13 maio 2020.

#### *Edições impressas*

PIUS, Giovanni Battista. (ed.). *Fulgentius*. Enarrationes allegoricae fabularum. Mediolani: per magistrum Vldericum Scinzenzeler, 1498.

PIUS, Giovanni Battista. (ed.). *Fulgentius*, Enarrationes allegoricae fabularum Fulgentij Placiadis... Venetiis: per Bernardinum Venetum de Vitalibus, 1505.

---

LOCHER, Jacob. (ed.). *Fulgentius Placiades [sic] in Mythologiis*. Expensis Ioannis Grunerii Ulmani. In officina Sigismundi Grym atque Marci Vuirsung, Auguste Vindelicorum, Anno MDXXI.

MOLTZER, Jakob. (ed.). *C. Iulii Hygini Augusti Liberti Fabularum liber, ad omnium poetarum lectionem mire necessarius, et ante hac nunquam excusus*. Eiusdem Poeticon Astronomicon libri quattuor. Quibus accesserunt similis argumenti Palaephati De fabulosis narrationibus, liber I; F. Fulgentii Placiadis episcopi Carthaginensis Mythologiarum libri III [...]. Basileae: apud Ioan. Hervagium, 1535.

PETRUS, Henrichus (ed.). *Fulgentii Christiani philosophi Mythologiarum libri tres [...]*. Basileae: Excudebat Henricus Petrus, mense Martio anno 1536.

COMMELINUS, Hieronymus. (ed.). *Mythologici Latini*. In quibus C. Iulij Hygini Augusti Lib. fabularum Liber I; Fabii Planciadis Fulgentii V.C. Mythologiarum Libri III; Eiusdem De allegoria librorum Virgilii Liber I; Iulij Firmici Materni V.C. De errore profanarum religionum ad Constantium et Constantem Augg. Liber I; Albrici Philosophi De deorum imaginibus Liber I. [Heidelberg]: ex Bibliopolio Commeliniano, 1599.

MUNCKER, Thomas. (ed.). *Mythographi Latini. C. Jul. Hyginus. Fab. Planciades Fulgentius. Lactantius Placidus. Albricus Philosophus*. 2 voll. Amstelodami: ex officina viduae Joannis à Someren, 1681.

STAVEREN, Augustinus van. (ed.). *Auctores mythographi Latini*. Cajus Julius Hyginus, Fab. Planciad. Fulgentius, Lactantius Placidus, Albricus Philosophus cum integris commentariis Jacobi Micylli, Joannis Schefferi, et Thomae Munckeri, quibus accedunt Thomae Wopkensii emendationes ac conjecturae. Lugduni Batavorum: apud Samuelem Luchtmans; Amstelodami: apud J. Wetstenium et G. Smith, 1742.

HELM, Rudolf. (ed.). *Fabii Planciadis Fulgentii V.C. opera*. Lipsiae: In aedibus B. G. Teubneri, 1898 (reimpr. Stuttgart 1970).

WOLFF, Etienne; DAIN, Philippe. (eds.). *Fulgence, Mythologies*. Villeneuve d'Ascq: Septentrion Presses Universitaires, 2013.

VENUTI, Martina. *Il prologus delle Mythologiae di Fulgenzio*. Introduzione, testo critico, traduzione e commento. Napoli: Paolo Loffredo Iniziative editoriali, 2018 (trabalho decorrente de tese de doutorado de 2009).

AMARANTE, José. *O livro de Mitologias de Fulgêncio: os mitos clássicos e a filosofia moral cristã*. Salvador: Edufba, 2019.

#### *Demais referências*

BESSON, Gisèle. *Le Troisième Mythographe Anonyme du Vatican*. Édition, traduction et commentaire. Thèse Université de Paris-Sorbonne (2006). Lille: Atelier national de Reproduction des Thèses, 2007.

CECCARELLI, Lucio. *Prosodia y métrica del latín clásico*. Con una introducción a la métrica griega. Trad. Rocío Carande. Sevilla: Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 1999.

COMPARETTI, Domenico. *Virgílio nel medioevo*. Florença: La Nuova Itália, 1943.

---

DE BOER, Martinus C. (ed). *Ovide moralisé en prose* (texte du quinzième siècle), édition critique avec introduction par Cornelis De Boer. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1954.

DE BOER, Martinus C. et al. (eds.). '*Ovide moralisé*', poème du commencement du XIVe siècle publié d'après tous les manuscrits connus... Amsterdam: J. Müller, 1915-1938, 5 voll.; reimpr. in facsimile, Vaduz-Sändig, 1968-1988.

GAMA, Vítor Castelões. *Laurence Sterne e Luiz Ruffato: convergências/divergências*. Dissertação de mestrado. Brasília: Programa de Pós- Graduação em Literatura do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, 2017.

HAYS, Gregory. *Fulgentius the Mythographer* [tese]. New York: Cornell University, 1996.

HONOR, André Cabral. A Ordem Primeira de Nossa Senhora do Carmo e a elite açucareira goianense: entre vitupérios e rezas. In: LIMA, D. et. Al. (orgs.). *Cadernos de Paleografia*, Número 1. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 2014. p. 39-59.

KULCSÁR, Peter. (ed.). *Mythographi Vaticani I et II*. Turnholti: Brepols, 1987.

MARQUES JÚNIOR, Milton. *Pervigilium Veneris, uma sagração erótica à Primavera*. Tradução, estudo e glossário. João Pessoa: Ideia, 2020.

MATTIACCI, Silvia. Le origini della versificazione ritmica nella tarda antichità latina. In: STELLA, F. (a cura di). *Poesia dell'alto medioevo europeo: manoscritti, lingua e musica dei ritmi latini*. Atti delle euroconferenze per il Corpus dei ritmi latini (IV-IX sec.). Firenze: SISMEL edizioni del Galluzzo, 2000. p. 5-23.

MATTIACCI, Silvia. Divertissements' poetici tardo-antichi: i versi di Fulgenzio mitografo. *Paideia*, 57, Parma, p. 252-280, 2002.

NICOLAU, Mathieu. Les deux sources de la versification latine accentuelle. *ALMA*, 9, Bruxelles, p. 57-87, 1934. Disponível em: <<http://documents.irevues.inist.fr/handle/2042/2673>>. Acesso em: 06 nov. 2016.

REGO, Enylton de Sá. *O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão José. *Opus durissimum: da ars poética experimental no lipograma "Das idades do mundo e da humanidade" de Fulgêncio, o Mitógrafo*. Tradução, crítica filológica e estudo literário [tese]. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Literatura em Cultura, Universidade Federal da Bahia, 2020.

SANTOS, Marcus Martinho. Les références aux *Mythologies* de Fulgence dans la *Généalogie des dieux païens* de Boccace. In: CASANOVA-ROBIN, H.; LONGO, S. G.; LA BRASCA, F. *Boccace humaniste latin*. Paris: Classiques Garnier, 2016. p. 251-280.

*THE PERVIGILIUM VENERIS: A New Critical Text, Translation and Commentary*. By WILLIAM M. BARTON (trans., comm.). Bloomsbury Latin Texts. London, UK and New York, NY: Bloomsbury, 2018.

VENUTI, Martina. *Spoudogeloion, Hyperbole and Myth in Fulgentius' Mythologiae*, in MORETTI, P.; TORRE, C.; RICCI, R. (eds). *Culture and Literature in Latin Late Antiquity. Continuities and Discontinuities*, STTA 13. Turnhout: Brepols, 2015. p. 307-322.

---

ZACCARIA, Vittorio; BRANCA, Vittore. (a cura di). *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Mondadori, 1964-1998. 10 vol.

ZORZETTI, Nevio; BERLIOZ, Jacques. *Le premier mythographe du Vatican*, texte établi par N. Zorzetti et traduit par J. Berlioz. Paris: Les Belles Lettres, 1995.

## OS AUTORES E O PPGLinC

### **José Amarante**

É professor de língua e literatura latinas da Universidade Federal da Bahia, onde desenvolve pesquisas voltadas ao ensino do latim e à tradução de textos clássicos da Antiguidade Tardia. Em 2014, sua tese, intitulada “Dois tempos da cultura escrita em latim no Brasil”, defendida no PPGLinC, recebeu o Prêmio Capes de Teses da área de Letras e Linguística, o que lhe valeu uma bolsa de estudos de Pós-doutorado na Universidade de Siena, Itália, experiência que lhe direcionou à tradução de *O livro de Mitologias de Fulgêncio* e a orientações de traduções das demais obras do Mitógrafo. Dessa experiência decorre também o presente artigo, dedicado à obra fulgenciana, em coautoria com seu orientando Cristóvão José dos Santos Júnior, que recentemente traduziu a *De aetatibus mundi et hominis*, concluindo o ciclo de traduções das obras do Mitógrafo na Universidade Federal da Bahia.

### **Cristóvão José dos Santos Júnior**

É jurista, classicista, medievalista e poeta, sendo doutor em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Em seu doutorado, empreendeu a tradução do lipograma *De aetatibus mundi et hominis (Das idades do mundo e da humanidade)* de Fulgêncio, o Mitógrafo (séc. V - séc VI d.C.). Atualmente, dedica-se à tradução da obra teológica *De ira Dei (Sobre a ira de Deus)* de Lúcio Cecílio Firmiano Lactânio (séc. III - séc. IV d.C.) e da obra poética *Technopaegnion (Jogo de Habilidade)* de Décimo Magno Ausônio (séc. IV d.C.).

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 04 de outubro de 2020.

Aprovado em sistema duplo cego em: 28 de dezembro de 2020.